Homenagem a Renato de Almeida Braga

EDUARDO CAMPOS (*)

Minhas Senhoras; meus Senhores;

Dele, de exímio Mestre de dedicação a ofícios agronômicos do Ceará, prof. Renato de Almeida Braga, devo dizer-lhes em causa própria, ouvi a primeira lição de amor ao mundo que nos cerca, de particular, o daqueles idos, quando no Ginásio Fortaleza perseverou o nosso homenageado, em imponente casa do Benfica, onde funcionava o estabelecimento de ensino então dirigido pelo professor Francisco dos Santos Colares..

Vejo-o adoravelmente benevolente, inteligente, a exprimir-se também pelos olhos vivos, inquietos, preservados por lentes rigorosamente redondas, e insertas em óculos que, a muito a vagar, gostava de retirá-los, para opinar.

Do tamanho de que pessoa, com estatura assemelhada, para comparar? De ninguém. Era do tamanho de ele próprio. Solene, sua postura altiva adequava-se sem desconforto no corpo baixo, mas de compleição bem alimentada, sobre a qual estacionava a sólida cabeça de elaborações corretas.

Repetia, com ênfase especial, para os alunos, e nesse rol certamente a se incluir também, que nos cabia "compreender a Natureza", orientação que em mim, estimulado a guiar meus passos para a Faculdade de Direito, soava por despicienda, falho que me julgava de interesse por criaturas vegetais, de entusiasmo do mestre.

Mal sabia o aluno bisonho, àquele exato instante, que começava a se lhe firmar a compreensão e depois paixão pelos temas

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

do meio ambiente, comportamento explicitado literariamente anos depois, em trabalhos a me permito mencionar: *Crônica do Ceará Agrário* e *A Invenção do Discurso Ambiental,* e não só esses, mas outros tantos, de pronunciado enternecimento pela natureza.

Posso imaginar inaugurada, naquela circunstância de aprendizagem, a firme amizade que nos animaria com sentimentos mútuos em relacionamento estendido até o seu desaparecimento, e que, felizmente, não esmoreceu até hoje, pois dele, de sua grandeza principalmente humana, tenho-me conservado eternamente lembrado e grato.

Coincidentemente todo aquele que ouviu lições ministradas pelo prof. Renato de Almeida Braga, presto se dá por grato, como de caso lembrar outro ex-aluno – dessa vez melhor sucedido – vitorioso na mesma seara agronômica, Francisco Alves de Andrade:

"...senti, desde o início, que ele procurava objetivar a doutrina científica no quadro das condições existentes, peculiares ao Nordeste seco. Chamava-nos (na sala de aula) a atenção para a história e geografia da região, que abordava como temas introdutórios da matéria que ensinava..."(...) "Mostrando-nos a importância do Nordeste, instruía quanto à necessidade de firmar as nossas convicções dentro da Geografia Agrária, considerando o ecológico como fundamental, quer em Zootecnia. (...) "Aconselhava o que lhe parecia sempre seguro e oriundo de sua experiência, evitando que os seus amigos se aventurassem a situações difíceis e duvidosas. Dividia com eles o seu bom senso, a sua prudência, assim como costumava ser solidário nos infortúnios..."

Minhas Senhoras; meus Senhores;

Retorno à minha exposição.

Confluía para o nosso relacionamento a circunstância de ele ter contraído núpcias com criatura extremamente agradável (sra. Myrian Justa), natural de Pacatuba, mãe de seus bem dotados filhos, dos quais dois, por razões circunstanciais estreitaram amizade comigo, um desses a lhe seguir os passos, estudioso por igual de nossos problemas agronômicos, professor Otavio Braga (já falecido) e Maria Luíza, Luizinha na intimidade, dama que se

deve medir pela alegria de viver, afável qual a própria genitora, matrimoniada com o expressivo político e líder empresarial, Ernani Viana.

Mais tínhamos em comum, e a revelação é de causar surpresa aos que, de modo bastante aquiescente, seguem essa explanação, onde demoram confidências pessoais.

Ele, o compenetrado pesquisador do ecúmeno nordestino, e eu, mero jornalista e tímido principiante das belas letras, um e outro entusiastas do romance policial.

Queria o Mestre (reservei-lhe sempre esse tratamento obsequioso) levar-me à palma em número de livros lidos desse gênero de mistérios, mas em verdade nem ganhava, nem perdia, pois estávamos quase sempre empatados.

A toda certeza prosperávamos dois efetivos leitores, por exemplo, de toda a obra construída com o talento de Arthur Conan Doyle e com as geniais soluções do detetive que a todos parecia real, Sherlock Holmes; e por diante, e em seqüência, ledores de outros conhecidos autores que chegavam às prateleiras da Livraria Aequitas, do prof. Aderbal Freire, ou a sebos, qual a Livraria Gurgel, a partir dos escritos em maior número por Agatha Christie - de quem o mestre e eu havíamos lido mais de cinqüenta romances, muitos em deficientes traduções portuguesas.

E em dado momento, o que não concorre para o enobrecimento dessa preferência literária, passamos a ler também Arsênio Lupin – o personagem conhecido como famoso "ladrão de casaca", – e logo arrependidos, tratamos de trocar o lunfa das elites pelo detetive realmente instigante da obra de Edgar Wallace, a marcar presença na "Coleção Amarela", da Livraria Globo, de Porto Alegre, com: *A Pista da Vela Dobrada.*

Atraído pela movimentação intelectual do Ceará, e mais pelos ruídos da geração dos anos quarenta a que pertenço sobremodo honrado, a me inaugurar nas letras com modesto livro de contos, em 1943, quis o destino, por esse caminho e pelo da profissão que abracei, de radialista, a partir de 1944 inserir-me bastante próximo das atividades públicas do Mestre.

Já em 1945 Renato Braga, homem de boa escrita, acabava de conquistar o reconhecimento literário da Academia Cearense de Letras, enquanto, praticamente ao mesmo tempo, com brilhantismo tomava assento na Assembléia Legislativa do Ceará, contudo, louve-se, sem esquecer as suas origens, a profissão que abraçara e o fazia cada vez mais admirado.

Em 1962, por ocasião da edição de "História da Comissão Científica de Exploração", em suplemento literário do *Correio do Ceará*, fiz coro ao êxito do livro, enaltecendo-lhe os méritos.

E apensava, a certa altura, em artigo: "este livro de capa excessivamente sisuda, guarda na obesidade do volume – que posto de pé assim se conservará – uma das melhores descrições de caráter histórico-rememorativo que já tivemos oportunidade de ler. E não se proclame apenas isso , que mais se faz necessário; é bem jornadeado e todo ele (o livro) aferrado na autenticidade dos fatos, como se cada folha tivesse sido passada por um notário público, com o "dou fé" de respeitável valia".

Nessa apreciação, integralmente de aplausos, eu criticava a Imprensa Universitária por abusar dos recursos gráficos, editorando obras, como vinha ser o caso do livro de Renato Braga, que em razão da gramatura do papel utilizado, pesava mais de um quilograma.

Interpelando-me a respeito, por não atinar com o sentido da observação, deu-se por contentado. Em verdade, nessa fase editorial da UFC tamanho e peso da obra impressa não só sugeriam, tinham mesmo importância especial.

Terá sido esse comportamento gráfico, de produzir obras presumivelmente de custo elevado, fator limitante à confecção e publicação de todos os volumes do *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará*, do qual Renato Braga acabaria nos ofertando apenas dois, permanecendo inéditos os demais. Esse ambicioso projeto, sem igual entre nós, mereceu de F. S. Nascimento – arguto escritor e crítico de nossa terra – este elogio:

"Ao projetar a realização de uma obra em dimensões maiores do que aquelas escritas por Thomás Pompeu de Souza Brasil, Álvaro Gurgel de Alencar e Pedro Ferreira, dava-nos o Prof. Re-

nato Braga mais um testemunho da sua operosidade intelectual, propondo-se fazer aquilo que só seria possível executar através de uma equipe de pesquisadores. Trabalho de proporções ciclópicas, o *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará* ganhava assim as características de enciclopédia dos fatos históricos e fisiográficos do nosso Estado, tornando-se digno de lido e compulsado por quantos se dedicam ao estudo dessas disciplinas." (in *Boletim da UFC*, vol XIII, n. 3, 1968).

Quando a Imprensa Oficial do Ceará, na gestão do jornalista Pádua Campos, fez imprimir a *Antologia Cearense* (primeira série"), organizada pela Academia Cearense de Letras (estávamos em 1957), destacava-se na coletânea um dos estudos mais exatos sobre o período áureo da nossa pecuária, o das charqueadas, competente análise assinada pelo prof. Renato Braga: "O Ceará e as Charqueadas".

Aí em linguagem limpa, direta, sem floreios – a interpretação da instalação e funcionamento das oficinas de carne no Ceará.

"As oficinas não tardaram a atrair as boiadas do sertão. Trazendo-as à marinha, os fazendeiros evitavam os percalços das grandes caminhadas e ganhavam o imposto de 400 réis por boi e 320 por vaca, chamado subsidio de sangue, cobrado sobre gado abatido, o que não era de desprezar numa matança de milhares de cabeças e quando a arroba de carne fresca se vendia a 240 réis. As boiadas que se deslocavam para as feiras pernambucanas e baianas começaram a rumar em direção à foz das suas próprias ribeiras. Esse movimento revolucionou a feição econômica local. *Marinha e sertão* interpenetraram-se comercialmente e os laços administrativos entre as dus zonas tornaram-se mais efetivos..

"Em uma correspondência de 1788, dizia Tomás José de Melo, capital general de Pernambuco, que todo o gado dos sertões era para *matar, salgar e navegar*, expressão que retrata perfeitamente o centripetismo das oficinas. Não havia mais quem arrematasse contrato das carnes, os açougues funcionavam intermitentemente, o gado não aparecia nas feiras pernambucanas e no Recife houve anos de grande penúria desse habitual alimento."

Situação dramática, atenuada com medidas de força daquele capitão general, que determinaria o fechamento das oficinas de

Açu e Mossoró, dentre outras providências, conta Renato Braga, para que fora do controle das oficinas desses dois lugares os rebanhos da capitania do Rio Grande do Norte descessem em procura da Paraíba e de Pernambuco.

Observações pertinentes; avaliações de fundo econômico; reconhecimento da valorização natural da foz das ribeiras naturais da região.

Em todos os trabalhos que produziu sempre a mesma preocupação de ver mais que outros. Desse modo a escrever outra grande obra, *Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará* – que me chegou às mãos pelo Natal de 1953, com amável dedicatória "Ao Eduardo Campos, oferece o amigo Renato Braga". Obra de exaustiva pesquisa e que se credencia também por vasta bibliografia e dois outros adendos de importância: "Autores dos nomes botânicos citados" e " Índice dos nomes e sinônimos científicos."

Poder-se-ia desejar melhor?

Logo publicado, o livro fez rumor por todo o país, graças ao critério científico e o ordenamento de todas as informações possíveis sobre as criaturas vegetais de nosso interesse regional:

Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará tornar-se-ia, até hoje, em obra de consulta obrigatória, presente em todas as bibliotecas e procurada por quantos se animam a conhecer a nossa intimidade botânica.

Minhas Senhoras e meus Senhores;

Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará é dicionário de fácil leitura a transcorrer em bem elaborado texto subordinado a centenas senão milhares de verbetes, em sua maioria decodificados convenientemente. Dentre esses, de maior destaque, a nosso ver, o dedicado, em precisa apreciação, a uma das mais importantes anacardiáceas de nosso território geográfico, o cajueiro.

Em aproximadamente seis páginas o autor, com grande conhecimento, vai a fundo na descrição do pedúnculo, em verdade o próprio fruto, apetecente e propulsor de nossa economia, des-

crevendo-o de modo ameno, e sábio: "O pedúnculo infla-se pelo acúmulo, nos tecidos, de líquido aquoso, claro, adstringente e, consoante a variedade, ácido, doce ou azedo. Predominam os cajus doces. Quanto aos azedos, há dois tipos. Um, de tão ácido, nem os pássaros o querem. O outro de acidez suportável, acompanha como aperitivo de certos pratos". E nesse trecho a identificação de quem está realmente apto a identificar os frutos desvalorizados: "Os cajus azedos possuem a carne sempre branca". (o.c., p. 100).

Dimensionados para o entendimento do leitor tanto o tamanho médio das castanhas como da amêndoa desse fruto, dádiva da natureza à humanidade. E mais a quantidade de vitamina C, aparecendo essa em maior quantidade nos frutos amarelos.

No mais, em todas as indicações. a preocupação de informar tanto quanto possível distante do tom professoral.

Ao longo da descrição desse verbete ainda as páginas de sabor antológico, as referências de fundamentos sociológicos, os tantos e valiosos dados captados à vida comunitária, e não esquecida a importância do caju à mesa, na culinária e até na convivência informal de bares. Tudo sempre mencionado em linguagem que chama a atenção pelo tom natural, distanciado de qualquer pretensão didática. E seguro na informação, como neste exemplo:

"Em rodelas, o caju complementa certos pratos, como feijoadas e peixadas, enfeitando-os com o garrido de sua coloração e tornando-os mais agradáveis ao paladar. A intuição popular fê-lo companheiro da cachaça, *tira-gosto* insubstituível entre os apreciadores de aguardente, que intervalam as bicadas chupando ou comendo caju." (idem, idem)

Escritor irrequieto, não satisfeito consigo próprio, sempre, e sempre mesmo, a criar desafios à sua maneira de olhar e ver a natureza. Difícil conciliar tanto trabalho, tanta pesquisa, avaliando-lhe a estrutura física, de pessoa com visível excesso de peso, e ainda a sugerir pouca pressa para fazer as coisas, quando, em rigor, sucedia exatamente o contrário.

A propósito, sobre esse aspecto, José Waldo Ribeiro Ramos, incumbido de fazer-lhe a saudação na solenidade de sua

recepção como novo sócio do Instituto do Ceará, referiu-se com exata propriedade:

"Ás vezes não se limita somente às leituras para remover dúvidas que lhe assaltam, excursiona com turmas da Escola de Agronomia, a fim de estudar melhor a natureza de uma zona geográfica, seu tipo de vegetação, fácie geológico, processo de agricultura, possibilidades econômicas e nessas longas caminhadas pelo interior do Ceará, através de uma paisagem sem grandes alternativas, ora subindo, ora descendo cômoros esmoitados, descansando à sombra frondosa do juazeiro ou na alpendrada da casa da fazenda, interpreta o caboclo humilde que se aproxima respeitoso do homem da cidade, ouve-o com o mais vivo interesse e vai anotando as suas frases, as suas expressões, ditos jocosos, as suas lendas, observando os seus hábitos, os seus costumes, as suas vestes, a alimentação. Nada escapa ao olhar observador. Diverte-se aprendendo. Inúmeros cadernos de notas se encontram no seu gabinete refertos dessas pequenas observações."

Em Renato Braga, falamos nós agora, estava um novo descobridor da paisagem sertaneja, a nos recordar Gustavo Barroso, que nos dera antes o exemplo de entranhado amor ao território geográfico a que denominou "Terra de Sol".

A analisar a bela mas já vulnerada região do Cariri, escreveu:

"A mata verdadeira, hidrófila, quase já não existe. Reponta em ilhotas onde manam as fontes, dando-nos uma idéia do que foi essa importante matéria que ia da planura aos mateiros da serra. O machado abateu-a e os palmeirais esgarçados, poupados porque dão lume e teto, são as coordenadas fitogeográficas da sua antiga área.

"Na chapada, continua a faina aniquiladora da mata. Irmanam-se nesse mister o plantador de mandioca, o carvoeiro de Juazeiro, o senhor de engenho, porém, acima de todos, está o criador, que anualmente, por este tempo, propositalmente ateia fogo à mata, matando-lhes as sementes, para que as touças ásperas e cortantes de capim agreste ressurjam verdes e ressumantes de seiva desta purificação ígnea."

Assim, do mesmo modo, em tudo que escreveu, até aquele inevitável momento de partir, na irrevogável hora de ausentar-se.

Viram todos, nessa hora de amarga ausência, a sua dimensão, o seu carisma, e como estimado na comunidade cearense, solidária em reconhecer os valores bem dotados.

Lembra-me, como se hoje fora, a homenagem póstuma a que presidi na Casa de Juvenal Galeno, em noite de 16 de julho de 1968, já presidente da Academia Cearense de Letras, noite, repito, de muita emoção e na qual os que usaram a palavra, o fizeram com justificado sentimento.

Feliz, nessa oportunidade, depois do tocante discurso de Francisco Alves de Andrade, dos versos declamados pelo que de mais representativo havia no momento em exercício poético do Ceará, acompanhar, sensibilizado, a bela e tocante demonstração de reverência das sócias da Ala Feminina, indo uma a uma, sem exceção, em postura irrepreensivelmente digna, depositar bela rosa ao pé de vistoso retrato de Renato Braga. Nessa hora, era como se ele nos olhasse e nos visse comovidos.

Desde esses dias o Ceará jamais deixou de estar reconhecido à obra que nos legou o Naturalista Renato de Almeida Braga, filho do Acre, mas decididamente mais cearense que muitos dos nascidos aqui.

Dirigiu-nos a nós do Instituto do Ceará, com seriedade e diligência. E com o mesmo empenho a Academia Cearense de Letras, onde, em noite de muito contentamento para mim, recebeu-me como seu consócio.

Ao longo do tempo, desde os meus já distantes anos do Ginásio Fortaleza, até o convívio no maior cenáculo de letras do Ceará, sempre estivemos juntos, a bom combate em favor da inteligência.

E aqui estou, pela generosidade de meus pares, em discurso gerado no coração do aluno que persevera atento, ainda hoje, às lições do homenageado.

O discurso estaria incompleto sem o tom de poesia. Tomo-o a outra personalidade já de Deus e também agrônomo, igualmente estudioso dos problemas do Ceará, Francisco Alves de Andrade:

"Que a poeira dos sonhos desfeitos,
Na aderência das lágrimas e humo,

Sirva de solo fecundo à exaltação da vida.
E homem que fui, árvore que serei da matéria vencida,
Hei de crescer para o alto!
E buscando sempre o sol,
Bebendo a intensa luz,
Estenderei meus ramos,
Sorrindo para o azul infinito..."

No alto, bem no alto, podemos olhar e ver: lá está Renato de Almeida Braga, árvore iluminada e de ramos que não param de crescer com bastante luz!

Muito obrigado!